

Voltando de Marcação

A manhã daquele dia nasceu como as dos outros dias: um vento sulão soprando sobre os coqueiros da Baía, e fazendo correr a areia das dunas em direção da lagoa.

Naquela manhã tinha partido para a Vila de Marcação, contrariamente ao que eu vinha fazendo freqüentemente quando saía logo muito cedo para a ponta do caminhamento onde fazia o meu trabalho habitual. Desta vez fui para a Vila de Marcação, a meio caminho de Mamanguape, montado num velho e magro alazão que só possuía as “pistas naturais”, isto é, passo, trote e galope, como diria se o visse, o meu amigo Dr. José Tavares, técnico abalizado em andaduras de cavalos, animal que considerava “o pedestal do homem”.

O passo, o trote e o galope, maneiras de andar de um cavalo que não fora forçado a aprender marchas menos ásperas, eram para mim quase um suplício em todas minhas caminhadas para chegar ao local do meu serviço; isto porque as duas primeiras marchas eram muito incômodas para o cavaleiro e a terceira muito cansativa para o cavalo.

Achei, entretanto, um meio conciliatório para viajar sem me molestar em semelhante alimária: primeiro chicoteava-a para seguir a galope, andadura que não me enfadava, mas fatigava o animal, forçando-o a passar pouco depois a trotar – trote que era mais um chouto –; então, freava-o, e continuava a viagem num simples passo muito demorado; depois de algum tempo, de novo, animando-o a galopar, sucedia que, outra vez, voltasse ao chouto terrivelmente incômodo. Assim, sucessivamente, conseguia vencer a distância de quase uma légua sem me cansar, a mim e ao cavalo.

Nessa maneira de cavalgar, cheguei, naquele dia, ao povoado de Marcação, onde ia contratar e executar o trabalho de demarcação de um sítio.

Eram dez horas, aproximadamente, quando me apeei na porta da venda, a principal casa de negócio da povoação, e, ao mesmo tempo, hospedaria de forasteiros que por lá transitavam.

Encaminhei-me diretamente ao dono da venda e lhe pedi para me fazer o obséquo de comunicar ao proprietário do sítio em que eu havia chegado com a intenção de ver o terreno e executar, logo após, os serviços de demarcação; ao mesmo tempo, como precisaria de dois dias, pelo menos, para a sua realização, pedi-lhe que me reservasse uma rede para dormir.

Chegando o sitiante, disse-lhe a que vinha, isto é, que tinha trazido comigo o trabalhador para transportar o instrumento com que iria cumprir a empreitada, mas precisava de mais alguns operários, no intuito de completar a minha turma; lembrei-lhe, no entanto, que seria melhor ver o sítio em primeiro lugar, para, conhecendo a natureza do terreno, poder fixar o número de foiceiros.

Sáimos, então, os dois, em direção à propriedade que percorri totalmente: era um terreno plano e fácil de demarcar, não tinha elevações, e os trabalhos de foice eram muito reduzidos.

Os limites do sítio tinham sido feitos de grandes cercas nativas compostas de altas cafezeiras, que, naquela época, estavam frutificando; as cercas facilitavam muito o levantamento topográfico. No sítio não havia casas de moradores, nem matagais, não havia plantações ou outros quaisquer acidentes, como pequenos cursos d’água ou pequenos alagados, que precisavam ser detalhados com caminhamentos especialmente feitos para isso.

Resolvi, portanto começar ali imediatamente, com apenas dois ajudantes, para fazer as medições. Começaria naquele mesmo dia, se o proprietário me fornecesse dois auxiliares.

Depois de percorrido o sítio e constatada a facilidade do levantamento, entrei em entendimento com o sitiante sobre o preço do trabalho, perguntei-lhe se possuía outras partes de terra semelhante e se todas foram também demarcadas e desenhadas. Ele ouviu-me com

surpresa e me disse que o Dr. Manuel Dantas estava equivocado; ele somente tinha o dinheiro necessário para comprar aquela terra e não possuía meios para pagar salários de engenheiros; da conversa que manteve com o dr. Manuel tirou a conclusão que o levantamento seria gratuito.

Surpreso também fiquei, e lhe pedi desculpas por tê-lo tirado dos seus afazeres e, de viva voz, solicitei que me ajudasse a obter condução para podermos, eu e meu empregado, regressar à Baía, àquela noite. Voltamos juntos à venda onde iria jantar e tomar as providências no sentido de obter transporte para a viagem de volta, ao cair da tarde.

O cavalo em que viera tinha voltado à Baía, ficara o que trouxera o trabalhador, meu acompanhante, com o instrumento e as balizas: precisava, portanto, arranjar uma montaria para mim; consegui com o dono da venda. Íamos partir, dentro em breve, a demora estava apenas na vinda desse cavalo e no tempo de comermos alguma coisa como jantar.

Partimos afinal quase às sete horas da noite com o dia já escuro; partimos ao longo daquele caminho deserto, a princípio subindo e descendo ladeiras; somente depois desses declives entraríamos nos tabuleiros e capoeirões que precediam a chegada à Baía da Traição; a pouca distância da Vila, notei que o cavalo em que eu viajava estava cansado, pois se movia com muita dificuldade nas subidas, precisando juntar-lhe as esporas para poder galgá-las.

Disse-me o trabalhador, meu companheiro de viagem, que o cavalo que me deram para viajar tinha trabalhado durante o dia todo, por isso estava cansado. Na marcha em que íamos, em hora muito avançada chegaríamos à Baía; talvez onze horas; meia noite, talvez.

Alcançamos o ponto principal da viagem: o lugar onde estavam os grandes declives da estrada; a parte da descida foi feita sem dificuldade; na subida oposta, porém, a minha montaria já se arrastava – arrastava era o termo – para galgá-la; por mais que eu o animasse, que usasse as esporas, que o chicoteasse, não progredia no acesso à colina.

Dessa experiência resultou a conclusão que ele não poderia prosseguir: chegou quase derreado no alto da ladeira. Procurei encontrar uma solução; chamei o meu auxiliar que ia um pouco na frente e lhe propus a troca de cavalos, ou melhor, lhe comuniquei que era forçado a abandonar aquele em que vinha montado e que ele me cederia o dele; com o animal no qual o auxiliar vinha trazendo o instrumento, eu viajaria sozinho até a Baía. Ele deixaria no primeiro tabuleiro que encontrássemos o animal cansado, amarrado num murici, ou numa mangabeira, e ele seguiria a pé ao meu encontro.

Houve uma certa demora em fazer a mudança, era preciso tirar a cangalha do cavalo que trazia o instrumento e deixá-la também no tabuleiro, passando para ele a sela daquele em que eu vinha. A noite estava um pouco enfarruscada, via-se mal o caminho; não havendo, entretanto, nenhum perigo em deixar o cavalo e a cangalha dentro de um tabuleiro por onde, mesmo durante o dia, raramente se via passar alguém.

Feita por fim a mudança saí montado no outro cavalo. Tive ainda que atravessar vários tabuleiros, vários capões de mato, estes, às vezes com picadas abertas onde bem se distinguia a folhagem derrubada dos pereiros, que fazia no chão com a sua cor esbranquiçada, lembrar um lençol estendido. O cavalo recuava, quando via aquele branco fantástico surgir, de repente, na semi-escuridão da noite; espantado, recuava, recusava às vezes mesmo a avançar, num pressentimento maligno e nefasto, inesperado num animal irracional, pressentimento de morte naquele branco de mortalha.

O animal dançava uma dança de lado, repugnando, fugindo àquela aparição sugerida pelas frondes caídas dos pereiros.

Dentro de algum tempo, estava próximo da lagoa, que tinha agora de atravessar sozinho, em plena noite densa; aquela mesma lagoa por onde eu passava, todas as manhãs e todas as tardes seguindo o caminho para o meu serviço cotidiano. Atravessei o último túnel aberto dentro de

um capoeirão; passei sobre a pequena ponte, na extremidade da lagoa, pequena ponte sobre o rio Mirici, que contornava as águas mortas da lagoa até a sua foz perto da Baía.

Por fim, entrei realmente na lagoa, procurando os caminhos, cobertos de água, fazendo o cavalo tatear dentro daquelas trilhas inundadas; a vegetação aquática tinha àquela hora da noite um aspecto sinistro. Reinava um silêncio de túmulo e os grupos de folhagens distantes faziam vultoso conjunto de formas negras dando a impressão de nuvens escuras ali pousadas. Era lúgubre. Toda a paisagem dava a impressão de estar inteiramente coberta de nuvens tempestuosas.

De grupos de nuvens espaçadas tomando o aspecto de uma vegetação ultraterrestre; fenômeno que, pela primeira vez percebi, pois até então não tinha tido oportunidade de viajar de noite através daquela lagoa de água morta.

Continuei a seguir com muita precaução, olhando todo o ambiente, mas, sobretudo, cuidadosamente observando por onde pisava o cavalo. Olhando todo o ambiente, àquela hora vazio das jacutingas, das galinhas d'água, das jaçaranas, das saracuras, das narcejas, dos jacamins, dos jaburus e outras aves pernaltas que, ao entardecer, o invadiam, num bater de asas freqüente e tumultuoso. Era justamente ao primeiro crepúsculo que essas aves voltavam a se recolher nos seus ninhos entre as árvores e os arbustos da lagoa. Assim, as via voando, chegando de outros lugares para se abrigarem pela noite; as via voltando, voando sobre a minha cabeça, quando eu também voltava, nos meus dias normais, para também me recolher em nossa residência na Baía.

Com surpresa, porém, à medida que caminhava não tinha chance de avistar o pequeno curso d'água corrente que ficava na outra extremidade da lagoa e onde subia-se um pequeno barranco para o coqueiral novo; de repente senti que me tinha enganado; estava percorrendo uma vereda onde a água morta atingia os pés do cavalo em pontos mais altos; esse desvio poderia ter sido motivado por eu me ter empolgado pela visão fantástica noturna das árvores aquáticas, ou talvez pelo mugido de um socó-boi que passou no escuro. A regra geral na travessia da lagoa era seguir o caminho molhado mais alto, e isso se obtinha olhando a altura d'água nos pés do cavalo. Resolvi retroceder, o que fiz com muita precaução, e fui melhor observando a situação da água em relação aos pés da minha montaria.

Por fim depois de pequenas vacilações encontrei o riacho que sempre supus ser um raso afluente do Mirici, apesar de ser mais profundo que as outras vias alagadas. Atravessei-o e galguei a barranca oposta.

Dessa barranca em diante, estendia-se uma plantação de coqueiros novos, coqueiros de pouca altura, muito menores que os da Baía; maneira de plantar, parece, porém, que prejudicou o seu crescimento e a sua produção de cocos. Era um coqueiral deserto onde no capinzal perto das suas raízes pastava apenas o gado que eu via pela manhã com os anuns voando em torno dele em busca de carrapatos.

Naquelas alamedas de coqueiros plantados num campo coberto de capim, penetrei; o ar era soturno, tudo ali comunicava uma tristeza árida e sombria que se tornou maior quando começou a chover; era uma chuva muito fina que embrumava tudo na minha frente. Instiguei o cavalo já um pouco cansado, senti um certo medo provindo daquela colina, daquele rígido silêncio, daquela chuva miúda e mesquinha.

Como as nuvens de chuva cobriam o céu, não deixando ver, não pude avaliar a hora; avancei, porém, ao longo desse coqueiral triste, de onde, de vez em quando, vinha o canto aziago da coruja, acompanhado de um bater de asas invisíveis e diabólicas; fui avançando assim mesmo, cheguei perto do nicho do Divino Amor, de que me aproximei, freei o cavalo e olhei para dentro onde estavam o crucifixo e a luz; a luz eterna que ali ficava queimando por dias e noites.

Depois prossegui, vi a igreja do povoado, aonde raramente um padre vinha a dizer missa e que ficava bem no limite do casario da Baía; na sua única rua entrei ao longo do seu areal e do seu coqueiral de altos e velhos coqueiros sempre bem carregados de frutos, coqueiros abertos em grandes folhagens de palmas rumorejantes; aproximei-me da casa onde morávamos: a porta estava aberta.

Era, aproximadamente, meia noite. Todo o casario estava fechado e silencioso; entrei pela porta aberta, sem desmontar, para me abrigar da chuva que caía e mais densa se tornara. No quarto onde dormia Holanda ardia um alcoviteiro de querosene, junto à rede do meu companheiro de empreitada, que tranqüilamente continuava a dormir, sem ter percebido a minha chegada inesperada.

Logo depois dessa irrupção pela casa adentro, apeei, sentei-me numa cadeira próxima e, segurando as rédeas do cavalo, fiquei esperando o trabalhador, que trazia os apetrechos com que trabalhávamos, e que ainda ia demorar um pouco a chegar, pois vinha caminhando a pé.

Sem querer, adormeci, sentado e segurando as rédeas do cavalo; as próprias rédeas caíam-me das mãos; não ouvi mais o rumor dos coqueiros que defronte da nossa casa, acordados pelo vento, faziam um denso rumor convulsionado.

De repente, senti que alguém penetrava pela porta e dizia:

– Seu Doutô !

Abri os olhos, não vi o cavalo que, sem saber, fugira das minhas mãos; diante de mim, estava o rapaz que trazia o instrumento e todo o restante do material de trabalho; colocou-os no canto da parede e indagou onde estava o cavalo, que devia voltar à vila de Marcação.

Mas, surpreso, meio tonto de sono, não soube explicar-lhe como o mesmo tinha desaparecido; a ele expliquei: disse-lhe que conservava nas mãos as rédeas quando adormeci, mas que não devia andar longe; de fato, a alguns metros da casa, babujando o capim ralo ao pé dos coqueiros, foi encontrado.

Assim termina a história de minha ida e da minha volta de Marcação onde viajei no dorso de três cavalos, que raramente possuíam as pistas naturais e científicas que o meu amigo costumava anunciar nos seus cartões, no Recife, onde rifava-se sempre: “Rifa-se, pelas três finais da Loteria Federal, um hípico nobre, russo-pombo, possuindo as pistas científicas e naturais”. As pistas científicas. Baixo, baixo e meio, galope pisado, ele, e nenhum cavalo da Baía, possuía.

Assim terminou a minha volta da Marcação; fechei a porta estendi-me na rede para dormir; a chuva arrefeceu e parou; o vento lá fora amainou; no quarto de Holanda o candeeiro de querosene começou a crepitar e se apagou.